
ÁGUA, VIDA E PENSAMENTO: UM ESTUDO DE
COSMOVISÃO ENTRE TRABALHADORES DA PESCA

GLÁUCIA OLIVEIRA DA SILVA
Antropóloga

Este texto tem o objetivo de expor algumas reflexões sobre a oposição morte X vida presente nos discursos dos pescadores de Piratininga, praia do Município de Niterói, Rio de Janeiro. Mais especificamente, intento examinar a atualização dessas categorias nos planos natural e social, isto é, como se articulam com as antíteses mar X lagoa (refiro-me à laguna existente em Piratininga) e feminino X masculino, dicotomia que permeia toda a vida social desses trabalhadores.



Os pescadores compreendem a natureza em dois grandes mundos: o do mar e o do seco, sendo que o primeiro é tido como um espaço muito especial, digno de muita reflexão e admiração. Este mundo, construído em torno do mar, engloba também céu, nuvens, chuvas e ventos que possam vir a compor o cenário do homem embarcado. O mundo do seco constitui-se de uma natureza dócil, previsível, passível de ser controlada no que diz respeito a certas leis e ciclos e, na medida em que a sociedade é vista como uma dimensão deste mundo, as regras sociais também reforçam esta expectativa de previsibilidade.

O mundo do mar, detentor da alteridade caracterizada por um padrão orgânico diferente e por leis próprias, relacionadas sobretudo às marés e aos ventos, é visto como uma expressão da natureza que superpõe imprevisibilidade e regras, risco de vida e fartura. O mar tem suas constantes, suas fases conhecidas pelo pescador; mas as variáveis são tantas que a sabedoria do mestre experiente pode ser confundida pelo mistério que faz o peixe repentinamente escasso ou, ainda, pela ventania inesperada que ameaça a sobrevivência.

Esses dois aspectos em que se subdivide a natureza para os entrevistados apresentam diferentes valorações para a categoria vida, o que é percebido na atribuição enfática de um caráter morto para a lagoa, enquanto que para o mar são emprestadas conotações reveladoras de sua condição de entidade viva. Por ser um corpo d'água onde vivem muitos seres provenientes do mar, a lagoa poderia ser aproximada a este nos discursos que, neste caso, ressaltariam seu estado de matéria líquida em oposição ao continente onde se encontra. Porém, as formulações apontam no sentido inverso, o que torna legítima e lógica a inclusão da laguna no mundo do seco. A base para tal concepção encontra-se em duas características do mar que o tornam uma entidade tão especial e única: é infinito e sua água é viva.

A aceitação da água do mar como algo vivo sugere que a "natureza viva" para os pescadores compreende não só os animais e vegetais que conhecem, mas também fenômenos e substâncias, como a

chuva e a água do mar, que estão sendo aqui chamados de "entidades". Os pescadores de Piratininga podem enunciar uma série de atributos (movimento, crescimento, alimentação, respiração, reprodução e presença de sangue para os animais) que, para merecer tal denominação, um ser vivo deve apresentar. Este pode, entretanto, exibir poucos, muitos ou todos os qualificativos, o que deixa transparecer que a concepção de vida traz implícita uma gradação na qual um ser sangüíneo é mais vivo do que outro, desprovido de sangue; um animal (móvel) é mais vivo do que um vegetal (fixo) e assim por diante.

Entidades como a água do mar e da chuva, que apresentam movimentos voluntários e capacidade de alteração de comportamento, se enquadram no universo vivo, tal como é pensado pelos pescadores, por possuírem a "essência viva" que propicia as ondas, as vazantes, as enchentes, as enxurradas e os chuviscos, ou seja, várias expressões do mesmo elemento. Uma vez que tais dinâmicas são lidas como um sinal de certo "grau de vida", pode-se afirmar que, para os entrevistados, esta noção não condiciona a possibilidade da existência da vida a um substrato organizado para exercê-la através das funções que pressupõe, mas a associa a algo capaz de impregnar (e movimentar) a matéria¹.

Não é, portanto, qualquer tipo de movimento que indica a presença de uma essência viva, mas somente aquelas modalidades que denotam autonomia ou vontade, conceito que exprime a disposição de os entrevistados estenderem aos entes naturais a racionalidade e a volição humanas. Um exemplo da autonomia e capacidade volitiva da água do mar é o que denominam briga de marés, descrita como massas d'água colidindo por terem direções díspares, levando assim o barco e a rede ora para um lado, ora para o outro.

Em trabalho anterior (Silva, 1988), foram discutidas as diversas significações propostas pelas formulações dos pescadores que indicavam a pureza e a perfeição como atributos essenciais da natureza. Observou-se então que a perfeição é qualidade natural e motivação

¹ A associação entre as idéias de vida e movimento é enfatizada pelo pensamento aristotélico, que distinguia inclusive tipos de movimento.

inicial para a existência de cada ser. A natureza é perfeita na medida em que tudo que a ela pertence tem uma função própria e fundamental para a harmonia do todo. A pureza revela a recorrência ou a permanência de um fenômeno. Portanto, a característica de os eventos naturais se repetirem de modo tão semelhante é aceita pelos entrevistados como um sinal de que tais fenômenos estão muito próximos do princípio que os gerou; estão em “estado puro”, como Deus fez, sem modificações, repetindo-se eternamente.

E da “natureza” da água do mar variar segundo algumas constantes ou ainda agitar-se sem motivo aparente, e tais modificações não impedem que os pescadores constatem sua recorrência e conseqüente pureza. A água pode estar mais escura ou mais clara de acordo com a correnteza, como afirmam: “maré (em direção) a sul, a água fica escura, maré (em direção) a leste, a água fica clara”. Há ventos que agitam — e potencializam assim o efeito das ondas — e outros que acalmam o mar; as estações do ano e fases da Lua também influenciam as marés. Isto é observado como indícios de recorrência das leis marinhas, sem que se questione a autonomia da mutabilidade da água do mar, porque ela guarda um mistério de poder se tornar, inexplicavelmente, ou seja, independente dos fatores mencionados, calma ou agitada demais, além de facetas como a mencionada briga de marés.

A água do mar possui ainda uma luz que brilha quando o Sol se põe, se apaga quando ele surge no horizonte, e que inclusive permite a dispensa dos faróis das embarcações para a captura dos cardumes. A *ardentia*, como é chamado este fenômeno provocado por protozoários bioluminescentes, engrossa as suspeitas que nutrem a respeito da existência de “outro universo” submerso (Silva, 1988).

Também o *sal* presente na água vem reforçar a pureza desta pois, sendo considerado uma substância *sagrada*², é visto como um agente capaz de acabar (*matar*) com a *poluição* de que o mar é eventualmente

² O sal é uma substância que na tradição bíblica vem associado à cristandade. Talvez seja essa uma das mais profundas raízes que explicam essa concepção por parte dos entrevistados.

vítima. A água marinha tem, graças a seus componentes, a capacidade de impor suas propriedades às outras variedades de água como, por exemplo, a *água do monte*, que tem origem no continente. Explicam que ela pode ser vista dos barcos, ainda individualizada, em forma de “manchas” escuras no oceano, transformando-se após algum tempo em água do mar. Não acreditam, portanto, em poluição do mar porque esta, para perturbá-lo, teria de ser infinita como ele e resistir ao sal, duas alternativas pouco prováveis de ocorrer.

Por não apresentar grandes modificações, a água da lagoa é considerada morta. A laguna é um universo de inúmeros contrastes com o mar e, da perspectiva dos pescadores, as diferenças são tão marcantes que soa como um “sacrilégio” aproximar a infinitude do mar com a pequenez da lagoa. A imensidão do oceano parece ser tida como um elemento essencial para a autonomia demonstrada por suas águas. A temperatura da água lacustre é determinada pelo clima, de maneira que os entrevistados admitem que a relação direta entre temperatura externa e a da água acontece devido ao seu tamanho. A água do mar pode estar fria no verão e quente no inverno, pois sua imensidão reforça sua autonomia. A água da lagoa é aquecida pelo Sol durante o verão e dias quentes, mantendo-se submissa às condições do meio exterior.

Além da falta de motilidade autônoma, as águas lagunares aglutinam características como cor escura, sujeira, peso elevado e certa quantidade de sal, que concorrem igualmente para justificar o *status* de morta, que lhe é atribuído pelos pescadores. A recorrência da lagoa, com a água sempre escura e parada, ao invés de ser compreendida como sinal de pureza é, ao contrário, entendida como uma condição ilegítima, pois a manutenção de suas propriedades não se vincula a nenhum processo autônomo e sim a uma incapacidade de retornar a um estado inicial após uma mudança. A lagoa se repete não por ter leis perceptíveis por detrás das modificações, mas por tender ao estado mórbido a que é destinada por sua falta de autonomia, além de sua existência depender da interferência humana, quando a barra é aberta ao mar.

A cor escura indica sujeira que, por seu turno, aponta para a impossibilidade de neste meio surgirem formas puras de vida, saudáveis. A produção da lagoa é pouco variada e *reimosa*, ou seja, dotada de uma gordura muitas vezes prejudicial a quem a ingere (Peirano, 1975). São formas deturpadas de viventes que, como o *lixo*, denominação dada à vegetação lacustre, sobretudo a um tipo de macrofita (abundante em corpos d'água em processo de eutrofização), podem viver em *apodrecimento*.

Também colabora para a impureza da lagoa o peso de sua água, demonstrado através do fato de que o cadáver do homem morto no mar fica à *meia água*, sem ir ao fundo, o que não ocorre na laguna. O peso, que impede que o corpo flutue, também é empecilho para a movimentação dos seres lacustres. Os discursos deixam transparecer que o movimento age como um filtro ou um eliminador de sujeira. Enquanto que os constantes movimentos da água do mar a reciclam e a mantêm pura, a paralisação em que se encontram os seres da laguna atua como um condensador de impurezas e os torna menos vivos. Enquanto a pureza da água do mar, a constância de suas características incluindo a limpeza, é mantida pelo sal e pela movimentação, a lagoa nada pode contra sua sujeira, posto que é salobra (e não salgada) e parada.

As concepções nativas apontam constantemente para a demarcação de campos opostos no sentido de impedir uma conjunção entre eles. O puro, o perfeitamente vivo, deve estar afastado do impuro e imperfeitamente vivo. A poluição e a água do monte que entram no oceano somem da mesma forma que a água salgada desapa- parece alguns dias após ter penetrado na lagoa, com a abertura da barra. Descrevem o fenômeno ressaltando que, logo em seguida à entrada do mar, os dois tipos de água não se misturam. Depois, frente à grande quantidade de água salgada, toda a laguna fica *limpa, azul*, como se houvesse apenas uma *qualidade* de água. Decorridos três a quatro dias, a água do mar some (afirmam que não sabem como) e a lagoa retoma seu aspecto escuro.

Pode-se imaginar que toda essa carga de significados relacionar-

dos à morte e à impureza atribuída à laguna seja conseqüência, em alguma medida, de seu assoreamento, entretanto, os pescadores são unânimes em afirmar que ela sempre foi assim, com exceção da "*fedentia*", mau cheiro produzido pelo apodrecimento dos seres que superlotam a lagoa. A "*fedentia*" é acompanhada pela *fermentação*³, isto é, um grande desprendimento de gases liberados pela matéria em putrefação.

Uma última consideração sobre a água como uma substância cujos atributos podem ser associados à vida, tal como é entendida pelos pescadores, é a de que outro líquido pode ser a ela comparado por suas funções de promotor da vida de animais, o *sangue*. Estudos relativos às representações sobre o corpo e a saúde (Duarte, 1986; Ibanez-Novión, 1974) abordam as várias peculiaridades que deve apresentar para então ser considerado um *sangue bom*, compatível com a saúde do organismo.

O sangue bom deve ser *forte*, contendo certa quantidade de substâncias que, em excesso, podem torná-lo *grosso*, e se insuficientes, tornam-no *ralo* ou *aguado*. Ele deve ser também *limpo*, ou seja, não conter substâncias como o *álcool*, sob pena de *estragar-se*. Finalmente, ele deve ser *quente e vermelho*, mas sem grandes variações, porque um sangue *escuro* ou *claro, muito quente* ou *pouco quente*, denota distúrbios que o afastam de seu padrão ótimo. O "sangue ideal" apresenta um grau exato de densidade, cor, temperatura, além de uma composição específica.

Duas concepções são especialmente importantes na medida em que aproximam explicitamente o sangue da água. A primeira é a denominação "aguado" lembrada pela esposa de um pescador que havia sofrido de *anemia*: "ele ficou tão fraco, que o sangue dele era o mesmo que água (...) o último exame já deu um pouco melhor, um sangue menos aguado". A formulação deixa claro como o sangue pode ser convertido no que admitem ser sua matéria-prima, a água,

³ É interessante observar que tanto usam o termo fermentar quanto o ferver para o fenômeno, talvez porque as bolhas na água lembrem seu aspecto quando em ebulição.

quando é privado de outras substâncias. A segunda é que o movimento autônomo da água do mar confere vida a este domínio, assim como o sangue movimentando-se pelo corpo possibilita que este se mova, manifestando sua vida.

O sangue, que dentro do organismo ganha conotações positivas, ligadas à vida, pode ser revestido de concepções mórbidas quando se encontra inerte, fora do corpo, como é o caso do sangue derramado por um ferimento ou ainda expulso na menstruação, indicando que neste organismo a vida não se reproduziu. No universo feminino, o sangue pode então ganhar um sentido a mais, oposto àquele que lhe é geralmente atribuído, significando não-vida. Esta é a primeira de um conjunto de idéias que se encontra subentendido nos discursos dos pescadores de Piratinga e que parece ligar as representações sobre lagoa: mundo feminino e morte.

Tanto o sangue quanto a água são categorias associadas à idéia de vida, mas que no espaço de representações sobre a lagoa e as mulheres ganham a valoração inversa, isto é, a de água morta e a de ausência de vida. O sangue menstrual e a entrada e saída da água da lagoa durante a abertura da barra parecem ser lidos pelos pescadores como fluxos que indicam a "natureza cíclica" da mulher e da laguna.

Por outro lado, o sangue menstrual é um indício de que naquele organismo há a possibilidade de recriação da vida. A água lacustre, geralmente morta ou inerte, quando aumentada pela chuva, transbordava pelo canal aberto pelos pescadores, demonstrando autonomia de movimento e carregava para o mar os incautos que porventura se deixassem atingir pela correnteza que então se formava. Neste momento diz-se que a água *tomou carreira* ou *embalou*, observando-se que a água doce apresenta um comportamento que lembra o das águas marinhas, apresentando vida.

Tanto o ciclo da laguna quanto o feminino, que compreende menstruação e gravidez, exibem duplicidade quando a água doce se investe de características marinhas e a mulher acumula os predicados de ser social e de manifestar em seu organismo significativas expres-

sões naturais. Ambos os ciclos estão ligados à reprodução da vida e possuem aspectos relativos à morte e à impureza.

Assim como as águas lacustres se confinam no interior do continente, o pescador espera que suas mulheres e filhas mantenham-se restritas ao espaço doméstico, privado, deixando o público aos homens⁴. A diferenciação do acesso aos domínios público e privado é parte integrante de uma distinção maior que percorre toda a vida social, ou seja, a separação das dimensões masculina e feminina. As mulheres devem conduzir suas relações sociais de modo a transparecer seu "caráter morto" frente aos homens, "socialmente vivos".

A motilidade masculina é grande, comparável à do mar, e aos pescadores é permitido passar semanas embarcados e noites na *farra* (Duarte, 1978). São o lado vivo e forte da sociedade porque, além de dotados de movimento, são os responsáveis pelo sustento de família, exibindo a *coragem* necessária para enfrentar vagas e ventos em alto-mar, procurando o peixe. As mulheres são tidas como mortas socialmente falando, na medida em que sua interferência na trama social deve acontecer em espaços delimitados e íntimos, e também porque o fato de ser a responsável pela gestação reforça a identificação da mulher aos fenômenos naturais. Fica o homem associado ao mundo do mar, natureza dinâmica e imprevisível, à dimensão pública e à reprodução social; enquanto que a mulher se destina ao privado e à reprodução biológica. É possível pensar-se que sobre esta diferenciação repousam também a origem da interdição da pesca marinha às mulheres, ao mesmo tempo que a elas é permitido o acesso à lagoa.

O englobamento da laguna no mundo do seco envolve a ambi-güidade de esta a ele pertencer e dele se diferenciar num contraste que compreende um gradiente. Há seres, como anfíbios adultos e outros vertebrados, que, embora não respirem submersos, passam boa parte de seu tempo sob as águas, cujos habitats coadunam-se às concepções de que os mundos existentes no seu interior e ao seu

⁴ A relação entre as dicotomias público/privado e masculino/feminino estão amplamente discutidas e ilustradas por vários autores. Entre eles, cito Bourdieu (1972) e Pitt-Rivers (1977).

redor tem mais semelhanças do que as possivelmente existentes entre o fundo do oceano e a terra. Pode-se afirmar que o mar, infinita região limítrofe entre natureza e sobrenatureza, acumula mistério, mas não dubiedade. A lagoa, com seus limites precisos (*beiradas*), revela-se um condensado de ambigüidades. A imprevisibilidade marinha pode confundir quem pensa conhecer todas as suas leis: o mar tem, além de sua aparência, sua verdade oculta e indecifrável. A laguna possui sua verdade aparente e cognoscível, que pode então ser completamente desvendada e prevista.

O conjunto de ambigüidades atribuído à lagoa (sua recorrência revelar impureza, seres lacustres exibirem um grau de vida insatisfatório, sua água ter sal, mas não ser salgada, ter movimento mas não ser autônoma e ser um corpo d'água que pertence ao seco) parece indicar uma ilegitimidade básica na sua existência: a de se constituir uma tentativa frustrada de ser mar. Talvez seja possível admitir-se que a ambigüidade relativa ao espaço feminino mantenha uma homologia com a anterior, isto é, de as mulheres serem consideradas ilegítimos seres sociais, por guardarem fortes marcas que as aproximam da natureza.

A partir desta perspectiva, pode-se entender a afirmação de que "o mar não gosta das mulheres, agitando-se em sua presença", comum entre os pescadores. Essa agitação parece estar a serviço de um lembrete para que tenham sempre em mente que pureza atrai pureza, força atrai força e vida atrai vida, devendo permanecer os domínios feminino e masculino (e de vida e de morte) estanques.

Bibliografia

- ALVIM, M. R. B. 1972. *A Arte do ouro; um estudo sobre os ourives de Juazeiro do Norte*. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado), PPGAS/MN/UFRJ.
- BOURDIEU, P. 1972. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Genebra, Droz.

CUNHA, L. H. 1987. *Tempo natural e tempo mercantil na pesca artesanal*. São Paulo, Dissertação (Mestrado), PEPgCS/PUC.

DIEGUES, A. C. S. 1983. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo, Ática.

DUARTE, L. 1978. *As redes do suor: a reprodução social dos trabalhadores de produção de pescado em Jurujuba*. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado), PPGAS/MN/UFRJ.

DUARTE, L. 1986. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar/CNPq.

IBANEZ-NOVIÓN, M. A. 1974. *El cuerpo humano, la enfermedad y su representación: un abordaje antropológico en Sobradinho, ciudad satélite de Brasília*. Rio de Janeiro Dissertação (Mestrado), PPGAS/MN/UFRJ.

LÉVI-STRAUSS, C. 1976. *O Pensamento selvagem*. Rio de Janeiro, Cia. Editora Nacional.

_____. 1978. "O Totemismo hoje." In: Lévi-Strauss. São Paulo, Abril Cultural. (Coleção "Os Pensadores")

LOYOLA, M. A. 1983. *Médicos e curandeiros: conflito social e saúde*. São Paulo, Difel.

MALDONADO, S. 1988. "No mar: conhecimento e produção" In: DIEGUES, A. C. & SALES, R.R. (orgs.) *II Encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil*. São Paulo, Programa de Pesquisa e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil/IOUSP/F.Ford/UICN.

PEIRANO, M. 1975. *Proibições alimentares numa comunidade de pescadores*. Brasília. Dissertação (Mestrado), DCS, UnB.

PESSANHA, E. 1977. *Os companheiros, trabalho da pesca em Itaipú*. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado), PPGAS/MN/UFRJ.

PITT-RIVERS, J. 1977. *The fate of schechem or the politics of sex: essays in the anthropology of Mediterranean*. Cambridge, University Press.

SILVA, G. 1988. *Tudo que tem na terra, tem no mar*. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado), PPGAS/MN/UFRJ.

SIGAUD, L. 1974. "A Morte do caboclo: um exercício sobre sistemas classificatórios". *Boletim do Museu Nacional* (30), Rio de Janeiro.